

## Furacão... *Um diário de imagens*

Tainá de Luccas<sup>1</sup>  
Fernanda Pestana<sup>2</sup>  
Luana Lopes<sup>3</sup>  
Elena Manbrini de Oliveira<sup>4</sup>  
Fernanda Avelar<sup>5</sup>  
Hélen Caroline da Silva Camillo<sup>6</sup>  
Mariana Barbosa<sup>7</sup>  
Tainá Cristine Chicão<sup>8</sup>  
Alessandra dos Santos Penha<sup>9</sup>  
Susana Oliveira Dias<sup>10</sup>

### RESUMO:

Diagnóstico: imagens e palavras de divulgação científica das mudanças climáticas estão doentes. Sintomas? Pele, tecidos e membranas normais, sem qualquer lesão, enrijecidas, o que ocasiona forte separação entre interno e externo, dentro e fora, sujeito e objeto, impedindo fluxos, contágios. Visão nítida, sem manchas, nem distorções ou embasamentos, que indicam redução da potência ficcional e visão já dada, sustentada pela busca da verdade. Músculos rígidos que garantem uma perfeita sustentação e deslocamento repetido de significações calcificadas na estrutura óssea de imagens e palavras. Coração ritmado, sem alterações nas pulsações-sensações, que se mantêm constantes entre 70 a 80 por pixel/caracteres, produzindo funcionamentos repetidos de um tempo linear e homogêneo. Vias aéreas com atividade esperada, em que o ar-memória entra continuamente, sendo aquecido e filtrado, e tornado eternamente presente nas trocas gasosas que deixam reter apenas os bons representantes e expulsam os maus representantes. Desses sintomas, produzidos por uma doença que já se tornou epidemia surda e que já não mais mobiliza médicos, pesquisadores, jornalistas e/ou divulgadores de ciência, retiramos uma escrita que se quer presságio, pré-sentimento, anúncio de um acontecimento que chega e nos afeta: tornar as imagens e palavras de divulgação das mudanças climáticas, doentes

---

<sup>1</sup> Jornalista e mestranda em Divulgação Científica e Cultural no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp).

<sup>2</sup> Artista, design e mestranda em Divulgação Científica e Cultural no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp.

<sup>3</sup> Graduanda em antropologia no IFCH-Unicamp e bolsista SAE de iniciação científica no Labjor-Unicamp.

<sup>4</sup> Aluna da E. E. Prof. Antonio Alves Aranha e bolsista PICJr.

<sup>5</sup> Aluna da E. E. Escritora Rachel de Queiroz e bolsista PICJr.

<sup>6</sup> Aluna da E. E. Guido Segalho e bolsista PICJr.

<sup>7</sup> Aluna da E. E. Prof. Israel Schoba e bolsista PICJr.

<sup>8</sup> Aluna da E. E. Adoniram Barbosa e bolsista PICJr.

<sup>9</sup> Doutora em biologia vegetal (IB-Unicamp), professora do Centro de Ciências Agrárias, UFSCar, campus Araras.

<sup>10</sup> Doutora em conhecimento, linguagem e arte pela FE-Unicamp, pesquisadora do Labjor-Unicamp, líder do Grupo de Pesquisa “multiTÃO: prolifer-artes subvertendo ciências e educações” (CNPq) e coordenadora dos projetos “Multidão em transe: investigações em divulgação científica e cultural”(PICJr.) e “Vida e tempo em proliferação: potencialidades das imagens de divulgação das mudanças climáticas” (Faepex).

de si mesmas, doentes de vida. Investimos então, neste relato de experiência, em criar um diário em que as imagens que fizeram parte da instalação artística “Furacão” – criada por nós no projeto de pesquisa e extensão “Vida e tempo em proliferação: investigações das potencialidades das imagens de divulgação das mudanças climáticas” (Faepex) – ganham vidas. Um relato que se faz num tempo vivido e experimentado na/pela escrita e edição de imagens. Tempo em que as palavras não capturam imagens, em que imagens não capturam palavras, submetidas que estão a uma ventania devastadora. Um tempo esvaziado de narrativas, ilustrações, explicações. Que vida pulsa desse furacão de palavras-imagens?

**Palavras-chave:** divulgação científica, imagem, mudanças climáticas, experimentação.

#### **ABSTRACT:**

Images and words about climate change in scientific communication are sick. Skin, tissues and membranes are healthy; they generate a rupture between the indoor and outdoors, the self and outsides, subjective and object, blocking other flows and preventing contamination. Accurate vision, without stains nor distortions, indicates the reduction of the potential of a fictional view, promote an obvious view sustained by seeking for the truth. Stiff muscles guarantees a perfect support for the continuous walking: the repeated displacements of calcified meanings of words and pictures. Heart rate is constant, without pulse-feeling's changes, 70 to 80 pixels/characters, generating the beat of a homogeneous and linear time. Breathing is functioning as expected, and the air-memory fluxes are continuously warmed and filtered, becoming eternally represented during the gas exchanges that let it keep just the good ones, expelling the bad ones. From these symptoms produced by a disease that became a deafness epidemic, which didn't impress doctors, researchers, journalists and/or scientific disseminators, we can remove a writing that wishes to act like a presage. We may notice a happening which arrives until us, affecting ourselves: transform the images and words about climate change, which are sick of themselves and sick of life. So, we produced a diary of images, which was part of our instalation named “Hurricane”, inserted in the project “Proliferation of the life and time: investigations about the potentiality of images in the dissemination of climate changes”. This report makes itself in time lived by experiences through images and words; a time that the images can't capture words and the words can't also catch the images: both are submitted to a windstorm. A time free of narratives, illustrations and explanations. What kind of life pulsates from these hurricanes of words-images?

**Keywords:** scientific dissemination, images, climate change, experimentation.

#### **Terça-feira, 29 de maio de 1992 - Dia, noite, pela madrugada...**

Sim, cai a noite, vem a madrugada, logo mais chega o dia.

A folha cai, o vento balança as gotas de orvalho, os raios de luz se aproximam.

As primeiras pinceladas do dia. Córórócócó.... Córórócócó.... A brisa traz o cheirinho do café da vizinha. Hummmm... O bem-te-vi canta. O cachorro late. Borboletas dançam no jardim.

Clique! Ruídos começam logo cedo. Trzzzziizzzzzzz trzizzzzzzzz Barulhinho chato.

É o meio do dia! Sol a pino.

Molecada passa correndo atrás de uma bola. Algazarra gostosa.

Cai a tarde, o sol se despede e chegam as luzes fluorescentes a cobrir a cidade.

Dia corrido, trabalho puxado. Hora de desacelerar. TV-chuveiro-cama.

Sim, cai a noite, vem a madrugada, logo mais chega o dia. (...)

Naquela manhã corriqueira e despreziosa, fui capturada. Num processo quase onírico de olho-dedo-botão-máquina-suporte-papel, lá estava, fixada sob uma superfície a ouvir conversas e sugestões. Melecada por produtos não identificados. Fui parar numa página de revista qualquer. Opa, numa reportagem sobre viagens e aventuras no Pantanal Selvagem! Ilustrava um texto convidativo sobre os mistérios e encantos de uma viagem. Lá estava a compor a página com onças, tamanduás e jacarés. Nossa! Assustei-me com a proximidade do tamanduá (e tamanduá come borboleta??). Humm, não sei, mas por via das dúvidas é melhor manter uma distância de pelo menos uns 200 caracteres. Na nossa página, havia um box que falava sobre as mudanças climáticas e as consequências para a fauna e flora pantaneira. Mas peraí: Pantaneira?! Venho de outras bandas, sou urbana. Fui capturada numa manhã despreziosa que ainda lembro do cheiro de café que pairava no ar, do canto do bem-te-vi. *Bem te viiii.... Bem te viiiiiiii...* Agora já não posso voar, passam mãos em minha pele para mudar de página e visitar garças e serpentes que se encontram do outro lado da folha. Os dedos, às vezes, me amassam um pouquinho. Outro dia, um garoto esfregou na minha pele uma caneta Bic azul e se pôs a desenhar... De repente, surgiram estrelas ao meu redor. Um céu estrelado, ali, bem pertinho. Que lindo! Quando ainda voava, não poderia me aproximar tanto das estrelas, e agora estava ali, a compor uma nova constelação... A constelação borboleta! Alguém me pega e me leva para um jardim, as páginas são viradas delicadamente, observo olhares atentos, a tarde vai caindo... O sol se despede e chegam luzes fluorescentes a cobrir a cidade... Sim, cai a noite, vem a madrugada, logo mais chega o dia.

**Quarta-feira da última semana para o fim do mundo:** Se sou lisa, arredondada, achatada, foi sinal de que fui forjada, e agitada, e atritada, desde o início de tudo, desde que passei a existir. Pela água que cai, que corre, que escorre, que infiltra, que percola. Pelo vento que limpa, suja, desorganiza, reorganiza. Assisti a tudo quase que cíclica e infinitamente. E hoje, quando tempo e mundo estão prestes a terminar (não sei vão acabar para todos os seres, coisas e significações, indistintamente), lembro-me dos meninos que me fizeram de brinquedo, na façanha de produzir infinitos círculos concêntricos na água a partir do centro de mim mesma. Só sei que me espatifava deliciosamente naquela superfície mole! Mesmo menino não-pensando, menino-existindo, menino-sendo-vivendo, fui feliz! Que lapso patético diante de minha quase eternidade

erodida! O que é mais importante? Quem é mais importante? A vida-morte nos iguala? Não sei. Só sei que aquele menino maroto me manipulou ao acaso e me lançou à água - um lapso de nada na minha vida de tempo-lento-quase-inerte. Agora o mundo pode acabar!

**Quinta-feira, 23 horas:** Faz meia hora que cheguei em casa. Morria de fome. Mas com o frio do desafeto desse tempo impetuoso, desejei primeiro saciar a fome do estômago antes da fome dos meus pensamentos andarilhos. Há duas semanas, cheguei aqui e hoje foi a primeira vez que ouvi trovões e vi raios. Os dois, um atrás do outro, o raio anunciando um trovão, que susto lindo! Me disseram que isso é muito comum aqui. Mas pra mim não era. De aonde vim, os anúncios dos céus eram raros, história pra criança ser bom filho. Raio e trovão atraía coisa ruim e mamãe recomendava pra gente trancar-se no guarda-roupas, caso o céu começasse a querer reclamar. E hoje eu ‘tava na rua, longe da mamãe, longe de guarda-roupas, à mercê do raio-trovão-água-ventania. Tive medo e saudade, prometi ser alguém melhor. Talvez sofra provação em breve, pois perambulei pelas ruas, encantado pela força do raio-trovão. Se as coisas piorarem, telefono pra mamãe.

**Segunda-feira de um mês qualquer, num ano em que há seis meses não cai uma gota d'água sequer do céu azul-intenso-monótono:** Como promessa de final de domingo, hoje resolvi levar à risca a vontade de virar a mesa: emagrecer, acordar mais cedo, cuidar da mente, antes que as crianças e as plantas ralas, que crescem vitoriosas naquele solo cansado, despertem e chamem por mim. Abri meus olhos, que encontraram o quarto-sala-cozinha entre sombras densas. Fechei-os novamente: desejo de sentir o cheiro da água no solo, que muda a cor e a consistência do imaginário. O desejo não se concretiza; porém, ameaço colocar os pés no chão e dar passadas decididas, que me façam fazer algo diferente daquilo que sempre acho que é preciso fazer pra estar. Mas paro e me pergunto: o que é esse tempo que insiste em reger meus ciclos? Quem é maior: meu compasso que cadencia o tempo ou o tempo que me leva como sua prisioneira, rumo ao futuro que nunca chega? E o meu eterno-agora? De quem fujo, quando culpo o tempo por meu passado estático? Não encontro respostas e me lamento: as plantas e as crianças famintas de comida e de mim, despertam. Fazem lembrar que a segunda-feira espera por meu corpo engessado no meu tempo.

## **Maio de 2012**

Querido diário, estava sentada nesta cama, observando o movimento das cortinas que o vento está causando. Isso é muito corriqueiro, mas hoje, está extremamente poético. Então comecei a viajar com o vento e pensar que ele tem vários irmãos, de poeira, de tempestade, de fumaça, de levantar folhas, de carregar nuvens... Cada um com suas características próprias, pessoais. Alguns são vorazes, outros sujos e ainda tem aqueles que trazem o frio que congela nossos ossos... Cada vento com seu destino. Cada vento com seu tempo... Tempo... Por que você carrega essas reticências com você? Seria por que essas características próprias, que criavam essa personalidade se desprenderam? Passam a contagiar outras coisas, outros seres, outros...? Por que você me chega agora de forma tão misteriosa? Talvez porque as deformações, e até ausências de forma, me fizeram pensar num vento indeterminado, que pode tornar-se, e tornar-se, e tornar-se, indefinidamente. Reticências. Antes parecia fácil definir e compreender (medir, calcular, conter, reter) o vento, pois o pensamento estava marcado por memórias-cicatrices cheias de perdas e ganhos, bons e maus. Agora não sei. Não sei se devo desvendá-lo, não sei se devo interpretá-lo. Apenas sinto. Volto, e já não sei se sou vento, cortina, janela.

### **Despedida para o dia**

Então o dia se foi...

Foi em vermelho, degradê.

Acima, nunca abaixo de nós.

Expande-se nos céus, já não mais azuis.

O tempo não é nosso, quando menos esperamos o sol nos deixa e diz que é hora da noite.

E o que faremos à noite quando, de uma hora ou outra, ela nos avisar que o dia - que pertence ao sol - está pra chegar? Estranhos pertencimentos fotográficos, que na paisagem pintada, desenhada, sonhada, podem despertencer... *despertencer...*

### **Do azul**

O azul fez pensar que o gelo é nuvem, ou a nuvem fez pensar que seu azul também pode ser gelo. Qual é a cor do gelo? Que cor tem a nuvem? Cores e horas ora emprestadas, ora passadas, ultrapassadas, imaginadas, não realizadas.

Imagem do monumento efêmero, estabilidade deslizando.

A imagem escorrega em possibilidades de criações de outras formas.

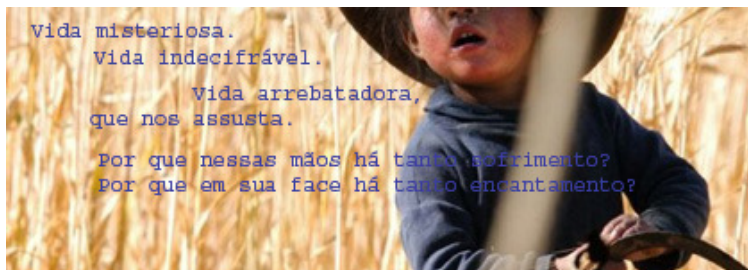
É um registo de um instante inconstante...

Fotografar nuvens... *vãos e vens...*

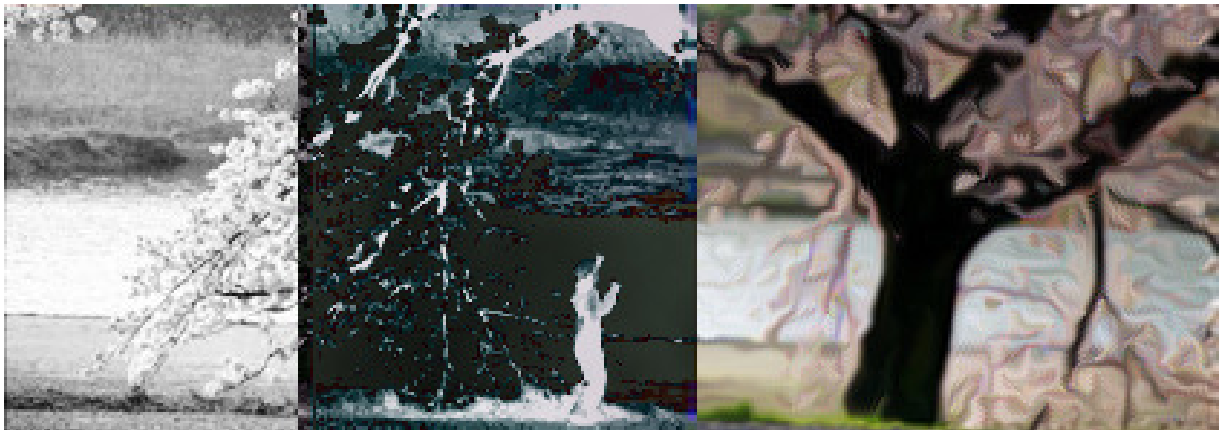
Vida. Veloz e mutante. Nova. A cada dia. Mas o que é um dia?

Explosão de possibilidades.

Passeio sobre as coisas fixas e duradouras... Nada permanece. Deixo fluir.



### **Areias de tempo... Ar Eias de tempo!**



### **Uma inquietação perante o tempo**

Sinto informar, mas o tempo se tornou nosso pior inimigo. Há uma antítese entre nosso súbito desejo de realizar determinadas ações e o que realmente a sociedade nos manda fazer. Ou melhor, nós é que mandamos (?): espalhamo-nos como palavras-imagens de ordem, nas mais diversificadas e conceituadas revistas, repletas de culpa e medo. Será que essa é nossa única possibilidade de existência nessas revistas? Uma inquietação... in-quieta-ção... o tempo escapa... fazendo com que a junção de nossos querer e deveres não se encontrem.



### **Um desencadear dos pensamentos**

Tempo de guerra

Tempo de inimizades

Tempo de confrontação por entre imagens e palavras.

Imagens que permanecem enfileiradas através de um tempo pré-estabelecido.

A noite se aproxima, mas nesse local para sempre permanecerei.

Os momentos poderão desaparecer, não sendo porém um término.

Dias, meses, séculos e milênios em repetições não mais cíclicas e naturais.

O tempo não será meu inimigo, não haverá uma confrontação contínua, mas algo descontínuo irromperá. A noite se aproxima, o vento toca os meus cabelos, a chuva toca meus pulsos, impulsos. Chuva que dá conforto. Conforto que alguém nunca deu. Amor? Num tempo sem confrontos. Os enfrentamentos são da ordem da sabedoria, dos que se julgam sábios o suficiente, dos que sábios detêm o poder de julgar. Como julgar o amor? Haveria uma sabedoria daqueles que não sabem o que é amar?

**O tempo é contraditório.** Ao mesmo tempo em que prende, solta. Ao mesmo tempo em que passa, volta. Ao mesmo tempo em que vai, fica. Tempo... Tempo... Tempo é um dos deuses mais lindos... Tempo... Tempo... Tempo! Será que somos aprisionados ao tempo ou o tempo é aprisionado em nós? São tantas divagações... Ilustrações de algo tão abstrato... Tão irreal, mas tão verdadeiro. Como sentir medo de algo que é incerto e que não é concreto? Sentimos! Sentimos medos... Anseios... De um tempo que ainda não veio... Um tempo que se atrasa, que se estressa, um tempo que precisa de tempo para decidir que tempo dará... O tempo da vida... E é bonita e é bonita...

**Sinto-me velha.** Digo isso não como que reclamando em desabafo, mas antes, como algo notado. Precipito-me, e como toda velha que um dia esteve em pé, ainda que crescida em asfalto (e posso dizer, que tempos difíceis!), hoje me reclino, não menos confortável, a serviço e abrigo num apartamento. Ocupo os cantos, faço parte da família e carrego traços de genética. Venho de outros tempos, tempos fáceis de frio e calor e primavera e outono, venho de outros ventos, de outras correntes, venho de galhos secos, vento no cabelo e sombra, de flores, buquês e namorados, de tempos enevoados. Bons Tempos! Que ventos me trouxeram? Lembro-me, com saudades, de outros ares, outros gases. Quem cresce em asfalto sabe como é dura a vida na cidade, como dura... É maciça! Havia também o parque, as crianças, os peixes, os pombos... Pensando bem, sempre haverá pombos, outro dia ouvi alguém chamá-los de ratos... Quando foi que os esgotos subiram aos céus? Apesar disso, ainda fico feliz quando chove, me corrói! Regresso ao tempo no qual a água da chuva vinda pelas calhas me molhava o pezinho e eu que ainda não tinha cascas, brincava em mudas e danças. Mas esse é o mal de quem cresce em concreto e ainda por cima produz frutos. Espalhei minhas sementes pelo asfalto, mas elas foram levadas pela enxurrada. Sinto-me velha... E a dificuldade de respirar faz com que me deite em apoios, o sopro de vida saído dos carburadores dos carros é como cigarro, vicia/delicia. Prevejo o tempo e o tempo me consome, é o destino de todos aqueles paus que nascem tortos, longe de serem madeiras-de-lei... Alguns voltam à terra, mas eu nasci do asfalto e não consegui fincar raízes. Estou calçada.

**Diário sem dias.** Começo este diário assim, sem tempo, afinal, aqui não há nenhum ciclo que determine início ou fim... Somos aqui todos pura energia viva – o que não nos priva da morte – circulantes ou parasitários. Logo o início deste diário é o momento em que olhei no espelho (em dias de espelho, até parece que ouço vozes dizendo de um tal “microscópio” que captura imagens de coisas bem pequenininhas) para pentear as tramas e, de repente, algo me fez mudar de cor: eu estava verde e rosa. Quando retornei ao meu cotidiano, ninguém mais acreditava na minha vida biológica, eu parecia mentira (eu adorei o meu tempo de mentira!). Vagava por ai, entre encontros, trocas e reações e todos comentavam como eu estava diferente: alguns me estranhavam, mal me reconheciam; outros desatavam a falar sem parar, parecia que lhes tinha despertado as mais diversas lembranças... Mas o que eu mais gostei foi daquele que viu pulsar em mim outras coisas pelas quais o rosa e o verde se proliferavam, coisas que às vezes são até



difíceis de dar nome, como aqueles sentimentos e sensações que nós não conseguimos explicar... Percebi então que minha vida não era simplesmente biológica: eu parecia algo mais. Minhas cores habitualmente mortas e pastéis pareciam agora palpitar por um corpo novo batendo nas paredes das membranas, e assim fui, vagando, atravessando, corpos e organismos, até que encontrei uma fresta aberta que me levou à flor da pele.



**Meus primeiros dias.** Logo um clarão me ofuscou – um clarão nunca visto. Porém, logo o meu corpo se adaptou, e eu estava confortavelmente alojado sobre a superfície lisa e oleosa chamada “pele”. Era engraçado: quando vinha o clarão, a pele se agitava sem parar, eu via uma mesma paisagem todos os dias, indo e vindo, às vezes até corria sentada e a viagem acelerava. Até que chegava um momento em que tudo ia escurecendo, escurecendo, escurecendo... e a pele parava para descansar. O claro e o escuro se alternavam tediosamente, sempre com uma duração muito semelhante, e logo compreendi que aquele tempo à flor da pele era fortemente marcado com o nome de “dia” (e “noite”, mas esta não conta, é parada demais). Com o passar do tempo, percebi que aquela pele revestia um corpo com movimentos bem articulados e que havia uma parte que parecia ser muito importante: eram cinco extremidades prolongadas, com uma proteção um pouco mais lisa e dura nas pontas. Um dia, eu consegui chegar até lá. Estava curioso para ver o que aqueles enormes tentáculos manipulavam todos os dias. Fiquei bem quietinho ouvindo: *“Que legenda nós colocaremos nesta? Ficou muito bonita assim, verde e rosa.. mas não sabemos identificar exatamente o que é, sabemos*

*apenas que representa alguma parte do corpo humano”. (...) “Não tem problema, vai ficar linda na capa da revista, pode colocar micro-organismo mesmo...”.*

### **Borboletas**

Amanhã irá fazer sol,  
E hoje o mundo deixou  
De girar ao meu redor.

Mas se fosse nublado  
Eu realmente me importaria?

É tão forte, mas, ao mesmo tempo,  
Uma imagem tão fraca!  
Que pode me trazer várias memórias  
Menos crer que são apenas “borboletas”.  
Mas talvez nem isso sejam...

E nada mais me fará respirar  
Até eu encontrar o meu presente!

Mas eu poderia dizer  
Que ela é a morte!  
A passagem espiritual  
De algo que não está mais na terra!  
Deixou de ter vida...  
A vida! Ah vida!

Traz a vontade de encontrar  
Um jardim cheio de flores....

Traz angustia,

felicidade,

um nada

Ou que amanhã virá o sol que tanto anseio. Esperança!

Não sei o que é, se liga com tudo!

Não sei o que sou...

Talvez eu mude igual como penso nela!

c-o-n-s-t-a-n-t-e-m-e-n-t-e